

FOLCLORE DE MATO GROSSO

Benedito Pinheiro de Campos

1. Introdução

A cultura é a explicação intuitiva que o homem tem da vida. Tudo que o homem modifica (espontaneamente ou não) no ambiente é cultura. Todas as sociedades que têm linguagem escrita ou não possuem cultura. A cultura procedente do ensinamento direto, ministrada nas organizações intelectuais - escolas, academias, universidades, igrejas, imprensa, cinema - denomina-se cultura erudita. A cultura aprendida indiretamente na vivência da sociedade, na troca de experiências do homem com seu semelhante, desde o nascimento até a morte, chama-se cultura espontânea. A cultura espontânea decorrente da experiência peculiar de vida de qualquer coletividade integrada na sociedade é o objeto do folclore, ciência sócio-cultural que alguns antropólogos denominam de "cultura folclórica". Portanto, folclore é uma ciência que analisa o homem cultural, nas suas expressões de cultura espontânea, do sentir, pensar, agir e reagir, e também no contexto da sociedade em que vive, ou seja, como homem social.

Quando entrarmos em contato com o folclore de um determinado povo, deparamo-nos com as alegrias, tristezas, esperanças, insucessos e vitórias da passagem deste povo pelo mundo. *Por ser um retrato do homem, o folclore tem todas as expressões da humanidade. É um exposição de artes e técnicas populares repercute em nosso espírito como uma coisa antiquíssima e atual, efêmera e eterna, e confunde o que fomos, seríamos ou seremos, conforme o ponto de onde a contemplamos. Através de uma exposição de folclore de um povo percebemos como brincar as crianças, como brincar os homens, com que brincam, porque brincam. As invenções de alegria, os sonhos da infância, as façanhas da idade adulta, deixam aqui seus objetos e instrumentos e dão-nos a medida da nossa humanidade e da nossa grandeza...*

O folclore está presente desde o momento em que o homem começou a observar sua própria cultura. Segundo o folclorista e mestre Professor Rossini Tavares de Lima, o escritor paulista Mário de Andrade foi quem deu início ao estudo científico do folclore no Bra-

sil. Demonstrando sempre maior interesse pela música, começou publicando em 1928 seu *Ensaio Sobre a Música Brasileira*, no qual divulga numerosos temas de cantos folclóricos recolhidos por ele, com a principal finalidade de chamar a atenção de nossos compositores eruditos para o assunto.

E é nesse sentido que esta presente publicação se propõe a incrementar e a incentivar o estudo, a pesquisa, o registro e a valorização do folclore mato-grossense.

2. O Dia do Folclore

O arqueólogo inglês William John Thoms foi o criador da palavra folk-lore, primeiramente utilizada em 1846. Ela surgiu da junção de dois vocábulos do inglês antigo, *folk*, que significa povo, e *lore*, que traduz estudo, ciência, ou mais propriamente o que faz o povo. No Brasil foi aportuguesada para folclore.

A 17 de agosto de 1965, pelo Decreto n.º 56.747, foi criado o dia do Folclore no Brasil, nos seguintes termos:

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 87, inciso I, da Constituição Federal e:

Considerando a importância crescente dos estudos e as pesquisas do folclore em seus aspectos antropológico, social e artístico, inclusive como fator legítimo, para o maior conhecimento e mais ampla divulgação da cultura popular brasileira;

Considerando que a data 22 de agosto, recordando o lançamento pela primeira vez em 1846 da palavra folk-lore, é consagrada a celebrar este evento;

Considerando que o Governo deseja assegurar a mais ampla proteção às manifestações da criação popular, não só estimulando a sua investigação e estudo, como ainda defendendo a sobrevivência dos seus folguedos e artes como elo valioso da continuidade tradicional brasileira, decreta:

Art. 1º - Será celebrado, anualmente, a 22 de agosto, em território nacional, o Dia do Folclore.

Art. 2º - A campanha de defesa do Folclore Brasileiro do Ministério da Educação e Cultura e a Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e respectivas entidades estaduais, deverão comemorar o Dia do Folclore e associarem-se a promoções de iniciativa oficial ou privada, estimulando ainda nos estabelecimentos de curso primário, médio e supe-

rior, as celebrações que realcem a importância do Folclore na formação cultural do país.

3. Fato Folclórico

Considera-se fato folclórico toda maneira de sentir, pensar e agir, que constitui uma expressão da experiência peculiar de vida de qualquer coletividade humana, integrada numa sociedade civilizada. O fato folclórico caracteriza-se pela sua espontaneidade e pelo seu poder de motivação sobre os componentes da respectiva coletividade. A espontaneidade indica que o fato folclórico é um modo de sentir, pensar e agir que os membros da coletividade exprimem ou identificam como seu, sem que a isso sejam levados por influência direta de instituições estabelecidas. O fato folclórico, contudo, pode resultar tanto de invenção quanto de difusão. Muitos fatos folclóricos, são transmitidos através de publicações e anotações, como a literatura de cordel, receitas culinárias, o entreccho dramático de congadas e cavalhadas - folguedos populares - eliminando assim a transmissão oral como característica do fenômeno folclórico, que pode ter sua origem em um outro aspecto cultural, como o erudito ou de consumo. As poesias de Castro Alves, por exemplo, e outros poetas, foram utilizadas em modinhas em que as comunidades as adaptaram e usaram em numerosas variantes, transformando-as em fatos folclóricos. É comum se encontrar em todo o Brasil artefatos produzidos de borracha de pneus de automóveis, como vasos, sandálias, etc. Por apresentarem a marca de aceitação coletiva na espontaneidade de confecção e no seu campo de ação, pode se reconhecer aí um fato folclórico.

4. Campo de Ação do Folclore

Quadro I Arte, artesanato e técnicas

<ul style="list-style-type: none"> • Arte aplicada 	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura e Desenho. • Cerâmica Figurativa. • Figuras de madeira, cera, etc. • Rendas e Crochê. • Papel recortado para enfeite. • Instrumentos musicais.
<ul style="list-style-type: none"> • Cerâmica utilitária • Funilaria popular • Traçados e tecidos de fibras vegetais e animais • Trabalho em couro, madeira, chifre, metal ou pedra 	<ul style="list-style-type: none"> • Utensílios caseiros: moringas e potes de barro; cuias de cabaça e coco; panela de barro, ferro e pedra; peneiras e abanos; cestos de palha, cipó e taquara; colheres e conchas de pau; gamelas; baús e canastras, etc. • Acessórios de habitação: esteiras; redes de fio de algodão ou de cipó; tamboretas; mesas; bancos e cadeira com assento de palha de milho ou taboa traçada; camas de vara; fogão e fumeiro (material, confecção e colocação na casa), etc.
<ul style="list-style-type: none"> • Brinquedos 	<ul style="list-style-type: none"> • Bruxas ou bonecas de pano, espigas de milho e bucha; papagaios ou pipas; petecas; piões; pernas-de-pau; cataventos; carrinhos confeccionados com carreteis, latinhas.
<ul style="list-style-type: none"> • Máquinas 	<ul style="list-style-type: none"> • Monjolos, moedas, teares, enghocas, etc.
<ul style="list-style-type: none"> • Habitação 	<ul style="list-style-type: none"> • Material: pau-a-pique, taipa, tábuas e tijolos (não industrializados). • Coberturas: tipo de construção. • Compartimentos: distribuição. • Iluminação: natural e artificial (lâmparas, filós, candeias, lampiões, etc.

Quadro II
Usos e Costumes

• Ritos de passagem	• Nascimento, batizado, noivado, casamento e morte.
• Organizações sociais	• Mutirão (forma de auxílio mútuo).
• Indumentária	• Roupas diárias para o trabalho, domingueiras e festas. • Trajes de danças e folguedos populares.
• Comidas e bebidas	• Doces, salgados e bebidas alcóolicas ou não de uso comum, de festas, típicos da região ou de épocas do ano.
• Medicina popular	• Plantas usadas para fins medicinais; remédios e sua preparação; nomes, causas, prevenção e cura de doenças em homens e animais.
• Transporte	• Carros de boi, carroças e carros; montaria e tropa; canoas e seus pertences.
• Agricultura	• Técnicas de cultivo; produtos e derivados; roça, pomar e jardins
• Criação	• Localização e construção de currais, chiqueiros, galinheiros e gaiolas; produtos obtidos e sua utilização; marcação de gado.

Quadro III
Literatura

<ul style="list-style-type: none"> • Poesia popular • Mitos, lendas e estórias • Causos e anedotas • Enigma popular e inscrições • Pasquins • Literatura de Cordel 	<ul style="list-style-type: none"> • Quadrinhas, sextilhas, décimas, abecês, lengalenga ou conto acumulativo.
--	--

Quadro IV
Linguagem

- Mímica (linguagem gestos).
- Apelidos.
- Ditados e provérbios.
- Adivinhas.
- Formas de escolha para brincar.
- Fórmulas de terminar estórias, de vender fiado, etc.

Quadro V
Lúdica

• Festas	<ul style="list-style-type: none"> • Cíclicas: carnaval, semana santa, festas juninas e natalinas, etc. • Religiosas: Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário, etc.
• Danças	<ul style="list-style-type: none"> • Coco, jongo, cateretê, samba-de-roda, carimbó, siriri, batuque, cururu, chorado, etc.
• Foguedos Populares	<ul style="list-style-type: none"> • Congeda, mararacatu, reisado, moçambique, folias, bumba-meu-boi, marujadas, etc.
• Jogos e brinquedos	<ul style="list-style-type: none"> • Bolinha de gude, pula-sela ou unha-na-mula, amarelinha, cabra-cega, pernas-de-pau, jogo das 5 pedras, esconde-esconde, roda, roda assentada, etc. • Futebol de meia linha, cabo de guerra, dono da rua, etc. • Touradas, vaquejadas, corridas de cavalo de raia reta, etc. • Capoeira e maculelê.
• Teatro e representações	<ul style="list-style-type: none"> • Teatro de bonecos, etc.

Quadro VI
Religiões, superstições e crendices

- Cultos e devoções populares (não orientadas por qualquer igreja ou organização religiosa).
- Elementos sobrenaturais.
- Adivinhação e sortes mágicas.
- Acidentes ocasionais benéficos ou maléficos.
- Concepções do mundo e da vida.
- Ex-votos (pagamento de promessas).

No seu livro, *Antropologia Cultural* o escritor Luiz Gonzaga de Melo afirmou: *O folclore ensinado na escola traduzido por intelectuais,, livros ou outras formas artísticas, pode conservar se encanto, mas perde as características de fato folclórico.*

Esta divisão não é rígida, em função da amplitude do seu campo de ação, que é o da expressão cultural do homem.

5. Linguagem e Literatura

O folclore brasileiro estruturou-se como expressão da nossa cultura espontânea nos fins do século XVIII e princípios do século XIX. Antes, era precisamente português-europeu, africano e índio, comprovam as produções de literatura erudita dos três primeiros séculos. Aí, porém, observamos referências a muitos fatos que se integram ao folclore do Brasil, como o conhecemos, além de obras que se ligam a esse mesmo folclore pelos problemas que levaram em torno da origem de fenômenos folclóricos nossos.

As obras de autores como Bento Teixeira Pinto, Gregório de Matos, Anchieta, etc., constituem importantes documentários do folclore seiscentista. Inúmeras superstições, crendices, costumes, ditados, mitos, brinquedos de crianças e adultos, hoje anotados pelos pesquisadores brasileiros, são mencionados nas produções destes poetas.

6. Aculturação

O evolucionismo concebe a cultura quando e onde quer que se encontre o seu desenvolvimento progressivo através dos tempos e

a seqüência básica desse desenvolvimento entre todos os povos da terra.

O escritor Leslie A. White designa a evolução cultural em: *um processo temporal-formal, contínuo e geralmente acumulativo e progressivo, por meio do qual os fenômenos culturais sistematicamente organizados sofrem mudanças, uma forma ou estágio sucedendo o outro.* O folclore é essencialmente dinâmico, se encontra em constante transformação, através do encontro de folclores diferentes, que, em contatos contínuos originam mudanças e o aparecimento de novos elementos em cada um deles.

Este processo de troca pode abranger inúmeros traços culturais. A sociedade que sofre o processo de aculturação modifica sua cultura, ajudando ou conformando seus padrões culturais aos daquela que a domina. Entretanto, embora sofra grandes alterações, conserva sempre algo de sua própria identidade. Com o passar do tempo este intercâmbio entre folclores diferentes provoca uma fusão e o surgimento de fatos novos. A transformação do folclore, porém, não é somente em consequência da aculturação. Pelo processo de difusão, dentro da própria comunidade, através de descobertas, imitações, invenções, reinterpretações, empréstimos e adaptações, novos elementos são acrescentados ou retirados, modificando e dinamizando o fato.

7. Dinâmica do Folclore

Aproveitamento do Folclore é a utilização do folclore com objetivos escolares ou artísticos. Tanto pode ser utilizado somente na base do tema ou todo o complexo folclórico, e ainda como inspiração, em que o aproveitador se identifica de tal maneira com o fato, que passa a expressá-lo à sua maneira. O aproveitamento é chamado, por vezes, de projeção, porque se projeta através de outro portador e não daquele em que exercita normalmente sua função. Pode surgir por interesses políticos dos governos que fomentam o intercâmbio cultural entre as regiões. Em determinadas demonstrações o fato sofre tantas modificações e é recheado com elementos da cultura popularesca restando somente o "estilo folclórico", o que seria uma maneira de ser imitativa do folclore. Reinterpretação folclórica é apresentação ou o aproveitamento de fatos folclóricos históricos que ad-

quirem novo significado cultural. Ex.: apresentação das danças do folclore histórico nos CTGs (Centros de Tradições Gaúchas), as quais, em época passada, tiveram função lúdica, hoje, didática.

8. Lendas de Mato Grosso

I. A Procissão das Almas

- Moça abiúda num presta. Toda a pessoa novidadeira paga bem caro seu defeito.

- Ora mãe! Você amanhece e véve o dia nesse calundu só para aporrinhá a gente.

Era esse o bate boca de mãe e fia. Uma quereno corrigí, outra encalistrada prá sabê nuvidade. Esse o grande má das muié.

Uma noite a moça abiuteira acordou assustada com rumor de passos em frente a janela que dava para a rua. Um montão de gente vinha pelo meio da rua em procissão, trazendo uma vela acesa e rezando num gongunado que ninguém entendia. Bem atrás, uma esquisita mulher vestida de branco rumou até a janela e entregou para a moça curiosa a vela que tinha na mão. Deu um sorriso triste e desapareceu como um mistério. A curiosa sentiu uns arrepios, mas nem ligou porque viu o que queria ver. Foi dormir, depois de colocar o pedaço de vela debaixo de seu travesseiro. No dia seguinte, soltou um grito que foi fazer eco lá longe. É que, em lugar da vela, encontrou um osso (uma tibia) do esqueleto humano. - Pra pagá seus pecados de novidadeira, disse a mãe. O susto, entretanto, foi maior que as suas forças. Depois disso ela ensandeceu, penou, penou e foi engrossá a fila da procissão das almas.

II. Minhocão do Pari

Este rio tem história!

Quando o vir manso e silencioso, não se iluda com ele.

A minha avó me contava e eu mesma vi coisas de arrepiar e de dar carreira no homem mais valente aqui da povoação. Quantas vezes não descíamos, em bando, às margens do Rio Cuiabá, com as trouxas de roupa na cabeça ou simplesmente uma bacia equilibrando-se na rodilha que amortecia o peso. Depois de um esvaziamento do rio, só vendo a algazarra quando o barraco escorregadio provoca-

va até quedas acompanhadas de risadas alegres e caçoadas inofensivas. A dizer a verdade, não sei bem como saiu a conversa do minhocão. Acho que foi a Merenciana que descobriu uma loca desbeirada e começou a teimar com a Tininha, que aquilo era morada de sucuri.

- É casa do minhocão, disse esta. Eu conheço bem. Do lado da Conceição já vi igual e isso é sinal certo de que ele anda ou andou por aqui.

- Virge!

Alguma se benzeram amedrontadas.

Enquanto outras começaram a mofar da pobre da Tininha que, por mais que pedisse às companheiras, “não zombar de coisas misteriosas”, pois provocaria a ira do bicho, não pôde abafar a vaia que a incredulidade de algumas desencadeara. Eu, que acredito piamente na voz do povo que é a voz de Deus, não disse palavra. Apenas curtia um medo, cá por dentro, de que o bicho no auge do seu ódio viesse levar uma daquelas moças, dançadoras de siriri, para a festa de sua barriga, engolindo-a viva.

Pois o Minhocão do Pari, assim chamado por ter o seu ninho nas praias daquela região, era uma espécie de serpente, longa e cabeçuda. Sua cor não se distinguia ao certo; deslizando em baixo do barro das barracas, vivia sempre coberto de terra, deixando, ao passar, o chão solapado e cheio de socavões em forma de sua descomunal cabeça. Quando o minhocão se zangava ou saía para catar alimentos, dava cambalhotas no rio. Devorava pescadores, virava canoas, mesmo embarcação pesada, que, se de pequeno calado, não agüentava com ele.

Foi uma dessas violentas rabanadas que alguém lhe divisou a cor preta e reluzente, retrocedendo-se no meio do rio.

Mas, voltando ao assunto, minha Nossa Senhora do Muquém! Veja como eu me arrepio só de lembrar do caso.

A Merenciana, que até se afogara de rir, chegando mesmo a desafiar o bicho, para que nos desse, ali, sua prova de valentia, quase... Bem, vale dizer que, entre nós, quando se conversava sobre cobra ou minhocão, costumava-se designá-los por *esse bicho!* Pois a própria palavra atrai uns animais tão malévolos.

- Cuidado com essa boca Merenciana, você é um queixo duro!

- Não se faz mofa de nada que é crença do povo! Um dia você se arrepende.

Mas, mocidade é mocidade. Só pensa em se divertir e não vê perigo pela frente.

Nesse dia, a roupa que Merém levava era em dobro, pois sua mãe, lavadeira da Enfermaria do Quartel, estava com um estrepe no dedão que a impossibilitava de esfregar os lençóis de algodão grosso. Miséria do capitão que não havia meio de comprar morim alvejado, tão barato naquele tempo.

Quem acabou logo, subiu para o povoado; eu, para ajudar a moça, fiquei com ela mais algum tempo.

Esqueci-me de dizer, que, no dia da lavagem de roupas, saímos de madrugada, levando panela, arroz e sal.

Os moleques que por ali apareciam ou iam conosco sempre jogavam o anzol; e o peixe fácil e abundante logo ia chiar na panela para o nosso almoço, de modo que voltávamos só tardinha.

Nesse dia a peixada foi de arromba, embora só desse "Sopra-fogo", mas estavam gordinhos, uma gostosura, com molho de pimenta chumbinho verde, arroz sem sal e pirão de farinha de mandioca.

Para que ninguém mexesse com a Merém, fiquei com ela até quase à noitinha, ajudando-a a torcer e a empilhar a roupa.

Nisto um eco de voz conhecida reboou ao longe.

- É o Zé Timote, disse lampeira a moça, reconhecendo a voz do namorado.

Apesar de lusco-fusco, pois ia anoitecendo rápido, reconhecemos o vulto do Zé Timote em pé, na popa da embarcação. Ele voltava de um frete que fizera até a Volta Grande.

Os olhos de Merém se iluminaram. Aquilo que era físico, o mais, conversa fiada. Bom pescador, bom violeiro, bom cantador de cururu! Zé Timote era bamba em tudo. Seus lisongeiros pensamentos foram quebrados por um ruído estranho e medonho. E não vinha da terra, vinha da água. Parece que a canoa guindou para um lado. Mas Zé Timote lá estava firme de pá. Esfregou o olho para ter certeza do que vira, mas novo e próximo ruído ecoou fortemente, ao mesmo tempo que uma lançada negra fez um oito no ar, afundando com

fragor e carregando para as profundezas do rio, canoeiro, remos, canoa e tudo, ainda salpicando água a muitos metros de distância.

- Foi o Minhocão. Não havia dúvida. Eu vi, com estes olhos que a terra há de comer. Por esta luz Santíssima como não mintol! Quando assustei, havia gente assim, perto de nós. Os conhecidos colheram a roupa e ajudaram a levá-la, porque eu não tinha nem pernas para ficar de pé. Foi assim que a Merenciana enlouqueceu e nunca mais sarou.

III. O Curupira

Os regos e socavões, que circundavam a cidade de Cuiabá, davam asas à imaginação daqueles que a visitavam, refazendo na mente a cobiça do ouro e a sanha de sua procura. O que os antigos moradores do Outeiro de Nossa Senhora do Rosário afirmavam tinha a comprovar as enormes escavações do terreno, esquadrinhado, palmo a palmo, até e além do tanque do Arnesto, para os lados do Baú, que se diziam propriedade do Miguel Sutil, onde este aí explorava as suas célebres lavras, e, onde só lá foram extraídas quatrocentas arrobas de ouro. No afã de revolver mais e mais o chão, à procura de uma alavanca de ouro, carapinhas pastoras de suor e arfando de cansaço, os negros emprestavam toda a força e vitalidade de seu corpo, trabalhando sem cessar, debaixo dos açoites do feitor.

Açulado pela quentura da soalheira e do buraco abafado, já com razoável profundidade, um negro subiu à boca do poço. Uma velha índia quase desfalecida lhe pediu água. Ele, indiferente aos castigos que o esperavam, tomou-a delicadamente nos braços e levou-a a beber, no córrego que, ainda hoje, corta a região e se denomina a Prainha. Saciada e reconhecida à boa ação, lhe disse:

- Vai filho, de hoje em diante sua tarefa ser-lhe-a menos penosa. Mas, quando cantar a anhuma, e um pedaço de metal negro cair na cabeça, fuja, abandone o poço e lembre-se do bem que me fez agora.

O escravo havia se arriscado e, por isso, um castigo cruel o esperava. Não conseguiu escapar das vergastadas, porém ao voltar ao trabalho, sentiu-se, após cumpridas tarefas e penas, tão disposto, como se não houvera trabalhado e apanhado tanto.

Após o acontecimento, os dias se escoaram, recolhendo ele, mais ouro que todos os demais companheiros.

Depois de meses, ao meio dia, cantou a misteriosa anhuma. Lembrou-se das recomendações da velha índia e rápido procurou a beira do fosso, já bastante profundo. Ouviu então um estrondo descomunal, e a terra, que se desmoronava, cobria tudo de ouro, instrumentos e seres humanos, sepultando eternamente entre os escombros a célebre alavanca de ouro, que procurava encarniçadamente.

Muitos anos depois foi tentada nova escavação local, mas encontraram apenas ossadas humanas.

Junto a elas estava a moeda de cobre de dois vinténs que a *Curupira*, a velha índia, lá havia atirado.

Nota - Esta é uma versão da *Alavanca de Ouro*, anotada por D. Maria de Melo Rego.

IV. O Negrinho D'Água

As lutas políticas em Cuiabá sempre foram muito acirradas. Culminaram, porém, no ano de 1906, quando se deflagrou uma revolução civil, de conseqüências funestas, com a deposição e morte de um Presidente do Estado. A indústria açucareira se espalhava nas usinas, rio abaixo. E, conforme os ideais políticos de seus proprietários, de vizinhos pacíficos se tornavam inimigos ferrenhos, encastelados nos seus poderosos feudos. Na expectativa de serem atacadas mutuamente, viviam em pé de guerra, estado de alerta permanente. Contingente de trabalhadores braçais eram treinados para fins belicosos. Sentinelas eram postados em lugares estratégicos, para prevenir os ataques.

Certa vez, de noite, como é natural, um caboclo mantinha vigilância à beira d'água junto ao porto de atracação. Distraído, não percebeu um estremecimento n'água e súbito postou-se diante dele um menino pretinho reluzente e muito feio, que lhe disse:

- Me dê o seu chapéu.

O rapaz replicou:

- Não dou, ora essa, é para agasalhar-me do sereno. Quem é você?

O negrinho tomou-lhe o chapéu, num gesto de destreza in-

crível e lhe deu uma taponada, fazendo-o cair quase sem sentidos. Depois, com grande ruído, foi sumindo dentro do rio.

Era o negrinho d'água, menino arteiro, fazedor de daninhezas, como era conhecido na região das antigas usinas e que habitava as profundezas dos rios.

Nota - Lendas do Rio Abaixo - coletadas por Ulisses Cuiabano.

V. A Alavanca de Ouro

(Versão popular. Cantada em verso pelo Arcebispo Dom Francisco de Aquino Corrêa).

No começo tudo era ouro.

Dizem os nossos avós que as panelas onde se cozinhava o feijão e o arroz eram feitas de ouro, preparadas de tal forma que resistiam ao fogo lento ou forte. Os espetos, onde se colocava a carne no braseiro, também eram de ouro reluzente, lançando chispas, quando as brasas levantavam chamas, chegando a doer na vista, de tão brilhantes. Era uma fortuna tamanha desse precioso metal que até ninguém ligava muito importância a ele. Não ligava, é conversa fiada. O homem, quando mais tem, mais quer. Deu-se a escavar e a remexer a terra por todos os cantos. Por isso que até hoje as ruas de nossa cidade são irregulares e tortas. Onde houvesse uma boa porção de ouro, ele fincava estacas para construir seu rancho; vinham outros com a mesma ambição e se punham a catar os granetes nesse mesmo lugar e logo formavam uma ruela, um aglomerado de pessoas.

Foi quando alguém topou, no sopé do outeiro do Rosário, com um objeto danado de reluzente, como se fora cravado no fundo da lapa, juntamente onde se abria um fundo covão. Era um escravo o dono daquele achado e por lei de servidão tinha de comunicar primeiro ao patrão a sua descoberta.

A boca da noite já havia engolido quase toda a vila com as trevas muito densas uma outra luz dos candeeiros que vinham das casas pareciam pequeninos pirilampos, nem chegavam para dar visão. Seria melhor aguardar a aurora para levar a nova ao amo. Mas... quem disse que é só mulher que não guarda segredo? O homem é a mesmíssima coisa.

O negro da mina não podia dormir, rolando-se ao lado da companheiro, cativa como ele.

Que é que o negro tem? Se é espírito, vô fazê chá de urtiga brava prá nego bebê.

- Num é nada, não!

E o negro foi desabafando, diante da figura aparvalhada da mulher, o que vira com os próprios olhos, coisa tão linda assim! Dito isto, como se transmitisse a preocupação que lhe causava a descoberta. Dormiu profundamente, enquanto sua mulher, mal o vira ressonar, correu a contar o que soubera, indo às tantas acordar outras companheiras de servidão.

Pela manhã todos já sabiam da novidade e corriam as mais disparatadas versões. Seria a *mãe de ouro*, ou *mãe da terra*, uma bola reluzente que de vez em quando saía urrando do meio do chão e, voando como um foguete, ia-se encrustar noutra lugar do chão, abrindo aí um buraco imenso e sumindo-se nas profundezas da terra? Diziam que essa mudança de *mãe da terra* sempre anunciava um acontecimento qualquer.

E na maioria das vezes tratava-se de desgraça... *Mãe da terra* ou não, a coisa estava lá, luzidia e da cor do sol, maravilhando os que dela se aproximavam.

Só que em vez de formato de bola, tinha o feitio esguio de um alavanca. Seria uma alavanca de ouro, grudada à rocha com tal firmeza que multidão de escravos empenhados a cavar em derredor para retirá-la nada conseguiriam. Pois, enquanto paravam para comer ou para dormir, como por encanto, ela se aprofundava novamente, deixando apenas perceber alguns centímetros fora da cavidade.

Um grotão imenso já se formara sem que a alavanca se dispusesse a aparecer sequer uma polegada a mais. Os feitores, de chibata em punho não davam não davam trégua aos escravos que não podiam parar nem para limpar o suor que gotejava de suas gafurinhas. Foi quando um velho andrajoso se aproximou de um dos cavadores e lhe pediu água. Temeroso dos golpes da chibata, o escravo mandou-lhe adiante. Mas outro escravo de coração bondoso, menosprezando as chibatadas, correu à Prainha, límpido córrego que passava nas proximidades e, com o seu copo de couro, encheu-o, dando de beber ao

velho sequioso.

- Eu o abenço em nome de Deus Pai. Escute bem, meu filho, quando a terra gemer três vezes, você trate de subir fora deste buracão e corra para longe. Depois você verá. Dito e feito. Passados alguns dias, já havia solapado a gruta a mais não poder, no delírio de desenterrar a alavanca; e esta, sempre fugia, se aprofundava cada vez mais na terra, acenando o ouro reluzente e nunca visto de que era feita a centenas de ambiciosos que lá meteram os seus servos, família e todos aqueles que tivessem mãos para cavar.

Foi quando a terra tremeu e urrou pela primeira vez, apavorando os que a ouviram.

Um segundo tremor e um ruído estranho, como a voz da terra quando se abre em chagas de fendas profundas, se fez ouvir, seguido rapidamente de outro abalo e outro gemido mais profundo que anunciava o desmoronamento completo das paredes da cavidade, aprofundada muitos metros terra a dentro.

Uma densa nuvem de poeira cobriu pessoas, ferramentas dos trabalhadores, feitores com o seu chicote de couro cru e ainda curiosos que se aproximaram da cavidade.

Esta virou um monte de terra que se esboroou, tragando os que nela mourejavam. Não escapou ninguém pra contar. Minto. Só escapou o pobre mas bondoso escravo que dera de beber ao pobre andrajoso, mitigando-lhe a sede.

Este, outro não era, senão o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, que viera à terra para experimentar o coração humano, descobrindo assim onde havia maldade e ambição e onde alojava a doçura e a bondade.

09. Danças Populares de Mato Grosso

I. Chorado

Em Vila Bela da Santíssima Trindade, as chamadas "festanças" ocorrem no mês de julho, tendo início com a festa do Divino Espírito Santo, prosseguido com a Festa de São Benedito e finalizando com a Festa das Três Pessoas Santíssima Trindade, padroeira do município.

Quanto às danças, nesse período, destacam-se a Dança do Congo e o Chorado, sendo a primeira executada apenas por homens

e a segunda, por mulheres.

O Chorado é uma dança de origem africana, dos escravos do quilombo, principalmente, que os negros escravos daquela época vieram aqui ao serviço duro, ao sofrimento. Chorado tem esse nome por ser uma dança de expressão do corpo, do sofrimento. Em vez de chorar dançava. Uma expressão de alegria porque você vê: o escravo é sofrido, mas em vez dele chorar, ele dançava - aí vem o nome de Chorado. Em Vila Bela, todos sabem - até criança canta - porque a gente tem dentro da gente esses cantos, essas tradições... Vila Bela é uma teatro natural, na rua, não é uma coisa assim que quer mostrar, mas sim se sente um dever até, um prazer, sente uma satisfação.

O chorado é dançado e cantado ao ritmo que algumas mulheres executam na percussão. *O instrumento era justamente isso: uma panela; um pedaço de caixão; um pedaço de tábua; uma mesinha lá meio cá, meio lá; bota suas pernas meio mole; os bancos... quer dizer, tudo servia. O que tinha era instrumento.*

II. Dança do Congo

A manifestação da Dança do Congo, em Mato Grosso, é devocional a São Benedito, fazendo parte da vida sócio cultural de duas cidades: Vila Bela da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Livramento.

Em Vila Bela, a primeira capital de Mato Grosso, fundada em 1752 por Dom Antônio Rolim de Moura Tavares, nomeado pela Coroa Portuguesa, representa a resistência dos negros que ali ficaram quando o Governo do Estado de Mato Grosso transferiu-se para Cuiabá em 1835.

Compreende a dramatização de uma luta simbólica travada entre dois reinos africanos, a partir da negação por parte do Rei do Congo, em relação ao pedido do Embaixador, que queria casar com a filha do Rei - em outra versão, o Embaixador é o mensageiro do Rei de Bamba, que manda pedir a mão da Princesa em casamento. Rejeitado o pedido, o Embaixador declara guerra ao Rei do Congo.

Toda a movimentação da Dança do Congo é um desdobramento da Marcha de Soldado - o pulso vertical dos corpos, os movimentos dos braços com as espadas e o ritmo dos pés, seja dançado ou caminhado, remetem sempre à marcha

A flor no chapéu que eles costumam usar, tá enfeitando o reinado de São Benedito, tá enfeitando o oratório dele. Os soldados, como não podem ficar lá junto com os ramalbetes (que são as promesseiras, representando também o oratório de santo), eles têm que arranjar um lugar no capacete. Aquelas fitas todas, representam como se fosse um oratório. Então, como ele não pode estar lá dentro, tá com ele na cabeça.

Dançam pela cidade, cantando e marchando ao som do ganzá, chocalho, bumbo e cavaquinho, instrumentos tocados por músicos-soldados. Uma das funções dos dançantes é proteger os festeiros - Rei, Rainha, Juiz e Juíza, que carregam objetos sagrados - e ainda as "promesseiras", que acompanham o cortejo levando flores em homenagem a São Benedito.

Em Nossa Senhora do Livramento, município situado a 42 Km da capital, criado em 1883 - antes pertencia territorialmente à Cuiabá - a Dança do Congo ocorre no mês de maio. A dança é conduzida por um mestre, que convoca os dançantes para dançar.

As festas de São Benedito de outrora era bonita, todos vestidos, todos enfeitados. Tudo, devoto de São Benedito; dançava em agradecimento à colheita de arroz, feijão, milho, mandioca, banana... E, na festa, quem ajudava com arroz, ajudava; que ajudava com farinha de milho, ajudava; quem ajudava com mandioca, ajudava; outro, trazia, moía a cana, fazia o doce... todo mundo ajudava!

As músicas da Dança do Congo de Livramento são executadas com instrumentos de percussão: marimba, tamborete e ganzá, que marcam a seqüência dos movimentos, variando o ritmo de acordo com a intensidade do desenvolvimento da dramatização.

III. Cururu

O Cururu é uma manifestação que compreende música e dança, executada apenas por homens, salvo raríssimas exceções.

Alguns tocam a viola de cocho, típico instrumento mato-grossense enquanto outros tocam o ganzá, chamado também de reco-reco; o adufo instrumento praticamente em desuso é um tipo de pandeiro que acompanha a viola e o ganzá nas toadas.

Alguns cururueiros são os próprios artesãos dos instrumentos - possuem a sabedoria acerca das melhores madeiras para viola (dentre as quais: sarã, mangueira, figueira), o período em que devem ser cortadas as ferramentas a serem utilizadas (machado, facão, enxó, plaina, faca, marreta e lixa), colas adequadas (de poca de peixe, de batata, de sumbaré) e cordas que propiciam o melhor som (tripa de macaco, bugio ou ouriço). Atualmente, nem sempre é possível seguirem todos esses critérios, mas continuam confeccionando suas violas o melhor que podem. Nem todo o cururueiro é artesão da viola de cocho, mas todo artesão da viola de cocho é exímio cururueiro. O ganzá ou reco-reco é mais simples, tanto para ser confeccionado (em taquara, geralmente) quanto para ser tocado, percutido com osso bovino. À afinação da viola dizem "temperar". Quanto ao adufo encontramos uma única pessoa utilizando-o sempre que participa de uma função de cururu.

A dança, chamam sapateio: quando um cururueiro avança ao centro da roda e coloca-se à frente de outro, sapateando, é como um desafio ou um convite - aceito, eles avançam e recuam, provocando um ao outro com ataques e esquivas, em tom de brincadeira, sempre com o instrumento à mão, demonstrando destreza, agilidade e astúcia. A expressão "brincar" é utilizada referindo-se à ludicidade da manifestação.

A dança, à noite, era o cururu: e o siriri lá fora, até o amanhecer... era a tradição. O Cururu é só homem, o siriri é composto: pode entrar homem, mulher, criança...

É uma das manifestações culturais de Mato Grosso mais divulgadas, estando, ainda, inserida em outras, como o Siriri, a Dança do São Gonçalo e o Boi à Serra, nas quais a participação dos cururueiros é imprescindível. Evidenciam-se nos seguintes municípios: Cuiabá, Rosário Oeste, Nossa Senhora do Livramento, Santo Antônio do Leverger, Várzea Grande, Cáceres, Barra do Bugres, Barão de Melgaço, Diamantino, Nobres, Acorizal e Chapada dos Guimarães, podendo ocorrer, ainda, em outras localidades - com exceção do Boi-à-Serra, que encontramos, só em Santo Antônio de Leverger.

IV. Siriri / Rasqueado

O Siriri é dançado e cantado por homens e mulheres, tendo ainda bastante apreciado por crianças, que gostam de aprender a dança e as músicas do siriri.

Os dançadores, ora em roda, ora em fileiras, dançam batendo palmas e cantando, ao ritmo da viola de cocho e do ganzá - tocados pelos cururueiros - e do mocho ou tambori - percutido por mulheres, muitas vezes.

Festas Populares de diversos municípios costumam reservar sempre um momento a essa dança, assim como ao Cururu.

Muitas vezes, a partir do Siriri, inicia-se o Rasqueado, com os mesmos instrumentos (Viola de cocho, ganzá e mocho), para que, aos pares, todos participem, dançando em quintais ou terreiros de casas, em praças ou salões de festas.

Quanto a dança do Rasqueado, geralmente os movimentos costumam ser pulsante como a música; alguns, movimentam-se pulsando mais com os ombros, outros pontuam com os joelhos ou quadris, contando a originalidade de cada um.

Destacamos um trecho bastante divulgado, cantado por crianças, jovens e adultos:

Vem cá morena / Sai na janela

Vem ver a Lua / Como está tão bela!

V. Dança do São Gonçalo

Na festa de São Gonçalo, é obrigatório o levantamento do mastro (com uma bandeira ilustrando o santo), muito Cururu e Siriri. O ponto alto da festa é o momento em que são organizadas duas filas em frente ao altar - uma de homens e outra, paralela, de mulheres - e os devotos prestam suas homenagens ao santo, cantando e dançando a Dança de São Gonçalo. Num dado momento, quando estão dançando em roda, uma das mulheres dançam ao centro, segurando a imagem do santo sobre a cabeça.

VI. Boi-à-Serra

Inserido no carnaval mato-grossense, encontrado em plena atividade em Santo Antônio de Leverger, o Boi-à-Serra faz a alegria da população: os componentes dos grupos - músicos, personagem e dançadores de Siriri - saem às ruas cantando, dançando e brincando, muitas pessoas os acompanham, integrando-se à manifestação.

“O grupo já sai e vai chamando; ali na esquina já tem um pelotinho esperando, mais na frente tem outro quando assusta, “tá um filão” atrás da gente. A gente vai só com a violinha e o ganzazinho, tocando e chamando: “Boizinho!” E, aí, ainda vai longe...”

O boi, principal personagem, é feito da seguinte maneira : primeiro, monta-se uma estrutura de madeira leve e flexível conhecida como “ melado de pomba”, depois cobre-se esta estrutura com um cobertor tipo “seca poço”, formando o corpo do boi; a cabeça é a própria “caveira” do animal que, seca, é pintada com uma tinta escura, recebendo ainda botões ou espelhos, um de cada lado representando os olhos do boi; os chifres são enfeitados com fita colorida e as orelhas são feitas de papelão.

O boi é uma manifestação encontrada em diversos Estados brasileiros com diferentes características e diferentes nomenclaturas: Bumba-Meu-Boi, Boi Bumbá, Boi de Mamão etc.

Provavelmente, devido a influencia desta outra brincadeira atualmente os grupos de Boi-à-Serra, costumam cobrir a sua estrutura de madeira com tecido estampado e colorido, tipo chitão, no lugar do “seca-poço”.

VII. Dança dos Mascarados

Encontramos a dança dos mascarados em Poconé, município que faz do ecossistema pantaneiro de Mato Grosso.

A ocorrência da Dança dos Mascarados: é “Sempre na festa do Divino e do São Benedito - dança no penúltimo dia, que o último já é a procissão. É geralmente no sábado, na “iluminação”.

Os componentes da dança são todos homens, sendo de 08 a

14 pares - em um cordão, estão vestidos como mulheres (damas) e no outro, como homens (galãs) - utilizam máscaras e roupas de chitão estampado, destacando-se também os chapéus, que levam espelhos e plumas. Além dos pares de dançarinos, há as figuras dos balizas - é o baliza que vai na frente - quando começa a Dança, quando termina. Aí, eles são o guia do bando, como eles dizem. Vão os três juntos : o do meio segura o mastro; outro, a bandeira de São Benedito. A função deles é organizar.

A Dança compreende 12 pares, assim denominadas: Entradas ou cavalinhos; Primeira; Segunda: Carango: Lundu: Vilão; Retirada. Atualmente, não dançam todos os pares em suas apresentações, pois a Dança completa leva cerca de duas horas.

A Dança é regida pelo primeiro da fila, o "marcante", que usa um apito com o qual avisa à Banda aos dançantes qual dança será realizada, a cada momento.

VIII. Cavalhada

A Cavalhada, uma manifestação encontrada em Poconé, está inserida na festa de São Benedito que ocorre após a festa do Divino Espírito Santo. Foi resgatada há cerca de sete anos, após vinte e dois anos paralisada. Outros municípios como Cáceres e Porto Esperidião, estão procurando retomar a tradição.

Consiste de uma batalha simulada em que figuram cavalheiros mouros e cristãos - disputando a posse de uma princesa. Formam 12 pares, sendo 01 Mantenedor, 01 Embaixador e 10 soldados, tendo como armas: pistola, lanças e espadas com os quais batalham entre si. Os cavalheiros vestem-se de cetim nas cores encarnados (mouros) e azul (cristão), ostentando chapéus com plumas, capas de cetim e ricos ornamentos; os cavalos também são enfeitados com fita e flores de papel. Os movimentos dos cavalheiros - combates e ataques simulados - são executados em montaria.

Há ainda os cavaleiros mascarados que ficam na periferia, com a função de proteger a assistência, os pajens, os cavaleiros. Durante o intervalo eles atuam brincando, imitando a batalha.

Realizam diversos torneios, jogos e corridas, ao ritmo de uma marcha que é executada por dois antigos participantes da manifestação, cada qual com uma caixa percussiva reproduzindo o som das patas dos cavalos em movimento. Os pontos marcados pelas equipes são comemorados com rasqueado, marchinhas de carnaval etc., executadas por uma banda composta por diversos instrumentos musicais, acompanhadas dos "vivas" da atenta assistência dividida em mouros e cristãos.

Ao final, independente dos pontos obtidos, os cristãos são os vencedores e a bandeira de São Benedito - padroeiro da festa é empunhada por ambos mantenedores - mouros e cristãos - que percorrem o campo de batalhas exibindo-a à assistência.

Restabelecida a paz, é tocado o Hino do Divino Espírito Santo.

IX. Folia de Santo

Festeiros e foliões levam de casa em casa, a bandeira e os demais símbolos referentes ao santo.

Cada folia possui seus instrumentos característicos que dão o ritmo e a melodia das músicas que entoam para anunciar a chegada da bandeira e dos foliões para pedir as esmolas, agradecer e despedir, pedindo licença para se retirar. Na casa onde será o pouso da bandeira e dos instrumentos, pedem autorização e, no dia seguinte, ali recomeçam agradecendo o belo pouso. As esmolas arrecadadas são repassadas aos festeiros, para ajudar nas despesas com a festa. As folias ou bandeiras mais conhecidas são: do Divino Espírito Santo e de Santos Reis.

X. Catira

Música, canto e dança, a catira é executada quase sempre, apenas por homens.

No município de Ribeirãozinho, a 465 Km de Cuiabá na região do Vale do Araguaia - portanto divisa entre Mato Grosso e Goiás - a

catira é parte integrante da folia de santos reis - quando o dono da casa onde estão pedindo a esmola para a Festa de Santos Reis solicita, os foliões tocam, cantam e dançam a cartira - porém, a manifestação pode ser destacada da folia para ser cantada e dançada em outros períodos do ano.

As cantorias são um tipo de moda de viola, sendo entoadas, geralmente por dois violeiros. A temática enfocada pode ser relacionada ao dia a dia, trabalho, amores, saudades, lugares etc. A dança compõe-se de palmateios e sapateios ritmados que os catireiros percutem, com vigor e sincronicidade, dispostos em duas fileiras - uma em frente à outra, formando pares.

XI. Lundum

O lundum ou lundu, de origem provavelmente baiana, é uma dança de homens e mulheres. Em Mato Grosso, encontramos a manifestação inserida na Folia de Reis, em Araguaiana, município situado a 60 Km de Barra do Garças, às margens do Rio Araguaia.

Quando o dono da casa onde estão pedindo esmola para Santos Reis doa uma garrafa de bebida ao grupo, eles dançam o lundum. A garrafa é colocada no centro da roda dos foliões; alguns entram na roda, dançando ao redor da garrafa, até que um dos membros do grupo pega-a com a boca.

Na roda todos cantam e batem palmas. Os músicos dão o andamento da brincadeira. As letras são curtas, repetindo-se muitas vezes, acelerando ao final, deixando os dançadores exaustos. Os instrumentos usados são: viola, pandeiro e bumbo.

Conclusão

Este trabalho é apenas um resumo das obras de pesquisadores que ressaltam com muita propriedade o folclore mato-grossense focalizando: as danças populares de Mato Grosso, as estórias vivenciadas pelas lendas cuiabanas.

É um trabalho que visa a informar não só cuiabanos, mato-

grossenses que aqui nasceram, mas principalmente aqueles que vieram para Mato Grosso e fizeram daqui o seu torrão natal.

Este trabalho com informações técnicas, objetiva tornar mais produtivo e inteligível o rico e diversificado Patrimônio Cultural do nosso Estado.

Professor Benedito Pinheiro de Campos
do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

Bibliografia

Lendas de Mato Grosso

Prof. Dunga Rodrigues

Danças Populares

Proj. "Interiorização a Informação Cultural"

Rosana Baptistella

Folclore

Proj. "Interiorização a Informação Cultural"

Bernadete Durães Araújo